

EDITORIAL

A Revista *Mosaico* apresenta com prazer seu mais novo número. Esta edição conta com o Dossiê temático Resistência e Dominação nas Relações Sociais Contemporâneas, organizado pelos historiadores Luiz Felipe Cezar Mundim (Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pela Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne) e Rodrigo Oliveira de Araújo (Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense), o qual reflete teórica e metodologicamente sobre as múltiplas dinâmicas dos processos de ajustamento do poder ao longo da História.

Composto por sete artigos, o Dossiê pretende contribuir para o avanço no entendimento de como se configura a reformulação da dominação e a subsequente (e muitas vezes concomitante) resistência. O contexto atual de retorno a uma configuração que se ancora nas premissas (neo)liberais enseja tal discussão em função do desgaste progressivo da história política tradicional acusada de erudita, elitista, acrítica, a “história historizante”. Ao priorizar o político e desprezar o econômico, o social, o cultural e o religioso, a história tradicional não consegue dar conta das multiplicidades de subjetivações do contexto atual.

Assim, enquanto a história política tradicional se volta para um Estado que se dedica, sobretudo, à arte de conduzir a população, agora, num contexto global e neoliberal, buscamos contribuir no bojo da História Cultural para compreensão de um Estado que se dedica para manter sua autonomia diante da impossibilidade de administrar essa totalidade, por isso, recorre à sociedade civil, enquanto espaço de atuação.

Valendo-nos esse espectro teórico-metodológico, procuramos em nossa revista promover uma reflexão política sobre o universo da cultura centrada nos sujeitos históricos e em sua diversidade, enfocando os confrontos políticos presentes em diferentes espaços e práticas sociais. Nessa lógica, nem o poder, nem a dominação, nem a resistência são tomados como dados naturais. Tampouco a resistência é compreendida meramente como uma ética revolucionária.

A resistência, à luz de Foucault (1997), está na contrariedade. Mesmo que não expressa, é sentida nas divergências do dia-a-dia, no trabalho executado, ainda que indesejado, nas mentiras ditas, no silêncio quando se é inquerido, nos minutos roubados das horas de trabalho, da revolta da criança que põe seu dedo no nariz à mesa para aborrecer seus pais, na vida que ainda encontra forças para viver após a tortura, a injustiça... Não se trata de uma banalização, mas num deslocamento da noção de poder e de suas representações cristalizadas, para contextualizá-las nos pequenos enfrentamentos, ainda que triviais.

Por outro lado, a emergência de novos atores sociais acabou por forçar uma mudança no comportamento das elites e dos países, impondo-lhes a necessidade de constituir novas táticas de dominação interna ou de colonialismo interno, conforme sustenta Casanova (1995), ou de neocolo-



nialismo e periferização mundial, para assegurar sua estratégia de manutenção do poder e de controle dos mecanismos internos e externos de reprodução do capital. No atual contexto, essas dominações ocorrem desde a lógica da tolerância democrática – com certos apelos populistas, baseados na ideia de que a resistência pode se tornar prática assimilada pelas estratégias de dominação e poder, já que ela se efetiva, sobretudo no interior da incitação, da interdição, da promoção, do poder – até imposições autoritárias imperialistas. Portanto, essa discussão enseja uma constatação de que o exercício do poder não ocorre de modo independente dos processos de resistência.

Desse modo, existe um vasto campo histórico e empírico a percorrer em busca da compreensão dessas múltiplas práticas de resistência e dominação histórica. O atual Dossiê explora algumas dessas possibilidades históricas e atuais. Além disso, este número, por meio dos Artigos Livres, aborda temas como intimidade, construção da identidade brasileira e alteridade nas fotografias. Para encerrar, apresenta uma entrevista com o historiador Benito Bisso Schmidt, professor no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando nas linhas de pesquisa Relações Sociais de Dominação e Resistência e Teoria da História e Historiografia.

Boa Leitura!
Thais Alves Marinho
Editora da *Mosaico*

Referências

- CASANOVA, Pablo González. *O colonialismo global e a democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

